

# A CRÍTICA DO MUNDO MODERNO EM GEORG SIMMEL<sup>96</sup>

*A crítica do mundo moderno em Georg Simmel*

RENATA MAYARA MOREIRA DE LIMA<sup>97</sup>

## INTRODUÇÃO

Georg Simmel foi um pensador da modernidade. Waizbort (2006) nos relata que o autor nasceu em uma construção encravada em duas esquinas de maior movimento em Berlim, Alemanha, vivendo até quase o fim da vida nesta cidade. Nesse sentido, compreende-se que sua teoria do moderno era seu enfrentamento com o mundo em que vivia (WAIZBORT, 2006).

Um homem moderno, falando da modernidade. Pode-se perceber isso através de um relato que Simmel fez de um sonho que tivera:

Eu sonhei que haviam descoberto o tempo sintetizado. Inicialmente ele só podia ser produzido aos minutos, exatamente como os diamantes artificiais, que também só pode se obter em cristaisinhos bem pequeninhos. Quando, por exemplo, se chega ao metrô e o trem está partindo imediatamente, basta tirar uma caixinha de tempo e riscar um palito de tempo. Então se obtém um minuto e ainda se pode alcançar o trem (WAIZBORT, 2006, p. 309).

Simmel foi um observador e crítico do seu meio social, refletindo sobre a cultura moderna de forma histórica e crítica. Para ele a sociedade existe a partir de interações, da relação sujeito/objeto. Pensou e analisou fenômenos estruturantes da modernidade, como a economia monetária e a divisão do trabalho social.

Neste sentido, pretende-se de forma breve adentrar em alguns dos tópicos que o autor abordou sobre as transformações que a modernidade propiciou no seio da sociedade, em três vieses: A vida mental do tipo metropolitano; o dinheiro na cultura moderna e a cisão entre cultura objetiva e subjetiva.

---

<sup>96</sup> Notas prévias de pesquisa.

<sup>97</sup> Mestranda em Ciências Sociais do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. E-mail: [renatamlima@gmail.com](mailto:renatamlima@gmail.com).

## A VIDA MENTAL DO TIPO METROPOLITANO

Para Simmel (1976), a vida em sociedades urbanizadas é capaz de gerar conseqüências psicológicas nos indivíduos que dividem os espaços das cidades. A maioria dessas conseqüências é nefasta, e para defender-se, os habitantes metropolitanos são levados a adotar uma série de comportamentos, como o distanciamento das relações afetivas.

O que para o homem primitivo foi à luta com a natureza visando à autopreservação, para o homem moderno é uma luta entre o interior e o exterior, entre o individual e o supra-individual. O autor coloca (1976, p. 11): “Os problemas mais graves da vida moderna derivam da reivindicação que faz o indivíduo de preservar a autonomia e individualidade de sua existência em face das esmagadoras forças sociais, da herança histórica, da cultura externa e da técnica da vida”.

Simmel (1976, p. 12) afirma: “A metrópole altera os fundamentos sensoriais da vida psíquica”. O tipo metropolitano está exposto a uma quantidade muito maior de estímulos nervosos do que o homem do campo, para o autor a oposição da cidade grande com o campo é a oposição entre o mais rápido e o mais lento, entre o habitual e o nunca habitual, devido a mudanças constantes de imagens, sons, entre outros. Desta forma, poderia haver uma espécie de “overdose” de estímulos nervosos, isto implicaria em uma desestabilização emocional. Sendo assim, postula-se que os sujeitos adotem certa vida mental para que consigam continuar vivendo nesta sociedade. Uma conseqüência é o distanciamento das relações afetivas. Dentro deste contexto, o autor cita o processo de intelectualização, a reserva e a atitude blasé.

A intelectualização consistiria em uma consciência elevada e uma predominância da inteligência nos indivíduos metropolitanos. Para o autor (1976) o homem metropolitano desenvolve um órgão que é capaz de protegê-lo das discrepâncias ameaçadoras da ambientação externa. Este órgão é o “intelecto”, e se situa nas camadas superiores do psiquismo, sendo a mais adaptável de nossas forças interiores; não exige choque ou transtorno interior quando o indivíduo é exposto a contraste e a mudança de fenômenos. Daí, ouvirmos tanto a frase de que as pessoas na metrópole reagem mais com a razão de que com o coração. Ao

contrário do homem do campo que internaliza mais os acontecimentos, devido ao ritmo de vida que leva, acaba por interiorizar no psíquico, nas camadas mais profundas, todos os acontecimentos que ocorrem em seu dia-dia.

A reserva diz respeito à tentativa de autopreservação dos indivíduos metropolitanos. Na multidão da cidade grande, o indivíduo reserva para si áreas inteiras de sua personalidade, somente um pequeno fragmento dela é nivelado, é como se os sujeitos guardassem uma parte essencial de sua personalidade como “propriedade privada”.

Outra atitude do tipo metropolitano é a blasé, que consiste no embotamento do poder de discriminar. Tem sua essência mais profunda na cidade grande, pois é onde a economia monetária encontra-se completamente instalada. Como as pessoas têm ao seu alcance tudo o que desejam através da moeda, as coisas começam a aparecer como destituídas de substância:

Isto não significa que os objetos não sejam percebidos, como é o caso dos débeis mentais, mas antes que o significado e valores diferenciais das coisas, e daí das próprias coisas, são experimentados como destituídos de substância. Elas aparecem à pessoa blasé num tom uniformemente plano e fosco; objeto nenhum merece preferência sobre o outro (SIMMEL, 1976, p.16).

Os objetos perdem seus valores qualitativos e só prevalecem os quantitativos, como o dinheiro torna-se o nivelador de tudo e de todos, as pessoas acabam por não se interessar pela individualidade do outro. Daí a indiferença a pobreza e as misérias do mundo, tão comuns na cidade grande. Simmel (2005, p. 16) diz: “[...] o dinheiro torna-se o mais assustador dos niveladores. Pois expressa as diferenças qualitativas das coisas em termos de “quanto”? [...] arranca irreparavelmente a essência das coisas, sua individualidade, seu valor específico e sua incomparabilidade”.

No entanto, para Simmel (1976) o motivo para o qual a metrópole conduz ao impulso da existência mais individual, é sem dúvida, a preponderância do desenvolvimento da cultura objetiva sobre a cultura subjetiva.

## **A CULTURA OBJETIVA E A CULTURA SUBJETIVA NA MODERNIDADE**

Simmel mostra que na Modernidade há uma discrepância grande no ritmo de crescimento da cultura objetiva, isto é, ligada aos objetos, e da cultura subjetiva, que

diz respeito à cultura dos sujeitos. Enquanto a objetiva cresceu vertiginosamente, a subjetiva foi mais lenta e pode até ter regredido em certos aspectos.

O advento da Modernidade possibilitou avanços em diversos campos de conhecimento. Desta forma, houve um enorme desenvolvimento do espírito objetivado das coisas. Entretanto, Simmel (2005) aponta que a cultura dos indivíduos não acompanhou tal crescimento. Pelo contrário, o cultivo da personalidade e da natureza dos sujeitos foi sobreposto a autonomia própria das coisas:

[...] Comparando-se [...] com a situação de cem anos atrás, pode-se dizer, reservadas muitas exceções individuais – que as coisas que envolvem e preenchem objetivamente nossa vida, como aparelhos, meios de transporte, produtos da ciência, da técnica e da arte, são incrivelmente cultivadas, mas a cultura dos indivíduos, pelo menos nas classes altas, de maneira alguma progrediu, em muitos casos até regrediu (SIMMEL, 2005, p. 43-44).

A causa deste fenômeno seria a divisão do trabalho e sua crescente especialização. Na modernidade os objetos ganham uma autonomia própria, gerando assim, uma preponderância destes sobre o sujeito. É como se os objetos passassem a existir por si, independentes dos homens. Isso caracterizaria a Tragédia Moderna, a falta de controle dos seres humanos sobre os objetos criados,

Os objetos da cultura tendem cada vez mais a um mundo coerente em si, que se liga a um número cada vez menor de pontos na alma subjetiva, com sua vontade e sentimento. [...] os objetos materiais e espirituais movem-se agora autonomamente, sem o recurso de um portador ou transportador pessoal. Coisas e homens estão separados (SIMMEL, 2005, p. 61).

A origem desta alienação situa-se na divisão do trabalho, e está relacionada com a dinâmica dos meios de produção. Devido à crescente especialização na qual um objeto é produzido por vários sujeitos, propiciando um aspecto que não ocorria na produção artesanal, isto é, o trabalhador não se enxerga no resultado final de seu trabalho. Para Simmel (2005, p. 51) isto ocorre porque “A este produto falta, em função de seu caráter fragmentário, a essência do que é próprio do plano da alma, que de outro modo é facilmente perceptível no produto do trabalho, quando este aparece como obra de um único homem”.

Na produção artesanal, o produtor se reconhece como resultado final de seu trabalho, pois ele possui suas próprias ferramentas e o conhecimento para a produção do objeto do início ao fim. Ao contrário do que ocorre no sistema capitalista, a separação do produtor dos meios de produção e a especialização

funcional acaba por gerar um estranhamento do produtor com relação ao produto criado. Tal sistema gerou então, uma discrepância de crescimento entre cultura objetiva e subjetiva, devido a essas novas relações de produção e consumo, que acabou por gerar uma nova dinâmica social no corpo da sociedade.

A força de trabalho pertence agora a um capitalista, dado que esta se transformou em uma mercadoria, sendo assim, esta força de trabalho não pertence mais ao sujeito. O trabalho torna-se completamente objetivo, no fim, temos a produção de um objeto indiferente, produzido por diversas mãos e distantes daqueles que produziram. O resultado é o livre movimento das coisas materiais, como se tivessem vida própria; as coisas passam a dominar os homens.

Isto altera também a relação entre produtores e consumidores, Simmel nos mostra um exemplo:

O trabalho destinado ao freguês, que dominou a oficina medieval e que apenas no último século experimentou seu rápido declínio, permitia ao consumidor ter uma relação pessoal com a mercadoria. Uma vez que ela era especialmente preparada para ele, uma vez que ela representava, por assim dizer, uma influência recíproca entre ele e o produtor, ela intimamente lhe pertencia também, em alguma medida de modo semelhante, como pertencia ao produtor. (SIMMEL, 2005, p. 56).

Simmel (2005) reflete ainda sobre a divisão do trabalho social que é descendente da economia monetária, uma vez que a exatidão proporcionada pelo dinheiro é o que vai permitir a decomposição da produção em várias realizações parciais. Isto exige uma organização que funcione com absoluta precisão e confiabilidade. Ele acrescenta que o fundamento essencial do surgimento do dinheiro torna-se mais atuante na medida em que a produção se especializa mais. Este último fator se justifica na medida em que a enorme variedade de produtos eleva os desejos humanos, desta forma, não há a possibilidade de simples trocas imediatas de produtos entre produtor e consumidor; sendo necessário um elemento de intermediação, sendo o dinheiro o responsável por desempenhar tal papel.

### **DINHEIRO: O DEUS DA ÉPOCA MODERNA**

Para Simmel, o advento da economia monetária é o fator estrutural mais importante da época moderna. Sendo outro fator estruturante a crescente divisão do trabalho social, mas, este último, só é possível devido à consolidação do primeiro. Nas sociedades ditas pré-modernas havia uma estreita relação entre a

personalidade e as propriedades dos sujeitos, havia uma unicidade, que ligava o indivíduo ao seu círculo social, seja através de vínculos de caráter político, corporativo ou religioso. Em oposição a isso, os tempos modernos caracterizam-se justamente pela destruição dessa unicidade.

Desta forma, o dinheiro possibilita uma liberdade dos sujeitos nunca antes vista, na medida em que as relações sociais passaram a ter um caráter puramente técnico, independente de colaboração pessoal, o que liberta o sujeito de laços constrangedores, dado que este é agora vinculado ao todo pela sua contribuição quantitativa.

O dinheiro se caracteriza assim, como o elemento que une e separa e para Simmel (2005, p. 26): “trata-se da fronteira de interesses, por um lado, e da separação dos mesmos por outro”. Por um lado, estabeleceu um nível de interesse tão comum e abrangente para os homens, dominando tudo o que se faz através dele, e por outro gera uma crescente autonomia da pessoa,

O dinheiro como unificador e separador de interesses. “O caráter objetivo” do dinheiro torna o que é diferente igual. Justamente porque ele é impessoal ele é capaz de unir o que é próprio de cada indivíduo. [...] como o abismo entre o interior e o exterior cresce cada vez mais, o incremento da liberdade interior é concomitantemente ao incremento do nivelamento exterior. Quanto mais o homem moderno é nivelado no mundo exterior, mas ele se recolhe a sua interioridade. (SIMMEL, 2005, p. 27-28, grifo do autor).

A abertura do enorme espaço para este sentimento de independência gera um forte individualismo. Simmel (2005, p. 28) pontua sobre isso colocando: “[...] não é o isolamento em si que aliena e distancia os homens, reduzindo-os a si próprios. Pelo contrário, é uma forma específica de se relacionar com eles, de tal modo que implica anonimidade e desinteresse pela individualidade do outro, que provoca o individualismo”.

O estabelecimento de círculos sociais cada vez mais abrangentes, possibilita o contato com o mais remoto sob condições iguais (Simmel, 2005), por um lado, desencadeando um meio de relacionamento e comunicação universais e por outro, provocando uma “reserva” maximizada, permitindo a individualização e a liberdade.

O dinheiro é vulgar porque é o equivalente para tudo e para todos; somente o individual é nobre; o que corresponde a muitas coisas corresponde ao mais baixo entre elas e reduz, por isso, também o mais alto para o nível do mais baixo. E a língua tem razão, por isso, quando chama de impagável o que é muito especial e assinalado (SIMMEL, 2005, p. 31).

Simmel (2005) chama a atenção ainda para o fato de o dinheiro sendo apenas um mero meio para a obtenção de outros bens, acaba por se tornar um fim, como se fosse um bem autônomo, quando na verdade só tem sentido quando ligado a um fim específico. Tal fato é explicado na medida em que muitas vezes o alvo final não pode ser alcançado a qualquer hora e como o dinheiro é esse mecanismo facilitador, acaba por se tornar o alvo incondicionado, cuja aspiração é possível a qualquer momento. Para o autor, o dinheiro facilita o esquecimento, então os fins últimos são esquecidos e os meios passam a ocupar o lugar. Faz-se mister ressaltar também que com relação a origem do dinheiro, enquanto outros tipos de propriedades facilitam a memória, o dinheiro facilita o esquecimento, desta forma, os homens, muitas vezes, utilizam-se de meios ilícitos para a aquisição de dinheiro.

Todos estes fatores citados desembocam no papel que a economia monetária representa para a sociedade moderna. O dinheiro seria assim, o deus da época moderna, uma vez que da mesma forma que Deus tem sua figura na intensa reunião de todas as heterogeneidades, o dinheiro ocuparia o mesmo papel, isto é, um centro no qual todas as coisas distintas, encontram o elemento comum e se tocam. Simmel (2005, p.36) justifica tal pensamento “O que há entre deus e o dinheiro é uma correspondência psicológica, uma analogia justamente, pois os efeitos que ambos causam e as sensações que oferecem a seus devotos são iguais”.

## **CONCLUSÃO**

No estudo dos fenômenos modernos, a cidade grande é o ponto de apoio das reflexões de Simmel. Sua análise da economia monetária e da divisão do trabalho social permite uma reflexão de forma aprofundada das alterações causadas por esses fenômenos nos fatos mais corriqueiros dos sujeitos envolvidos neles.

Indivíduos estes que estão inseridos em outra lógica, diferente da das sociedades pré-modernas, expostos a uma quantidade imensurável de imagens, sons, em um movimento de vida intenso, expostos aos mais diversos estímulos nervosos. E, neste cenário, adotam as mais diversas posições, na busca pelo destaque entre a multidão da cidade grande, pelo reconhecimento social e a autopreservação da personalidade.

A cisão entre cultura objetiva e cultura subjetiva constitui a idéia de tragédia da cultura moderna. Este conceito de tragédia encontra sentido no fato de que as

coisas criadas pelos homens passam a dominá-los. O dinheiro é sem dúvida o grande propulsor dessa separação.

Sendo a economia monetária o fator estrutural mais importante para Simmel, este não se expressaria somente na produção de mercadorias, mas também, observa muito bem o autor, nas relações mais íntimas entre os indivíduos. Causando o nivelamento geral de tudo e de todos, pois a qualidade dos objetos não é mais observada, somente seus valores quantitativos são importantes. Neste sentido, parece justificável quando Simmel argumenta que o dinheiro seria o Deus do mundo moderno, o elemento que em tudo circula e o centro, em volta do qual, todos circulam.



## REFERÊNCIAS

SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida mental. *In: VELHO, Otávio G. O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

SIMMEL, Georg. O Avarento e o Esbanjador. *Revista Política e Trabalho*, PPGCS/UFPB, n. 27/30 Abril de 2009. p. 334-346.

SIMMEL, Georg. O dinheiro na cultura moderna. *In: SOUZA, Jessé, OELZE, Berthold (Orgs.). Simmel e a modernidade*. Brasília: Editora da UNB, 2005.

SIMMEL, Georg. A divisão do trabalho como causa da diferenciação da cultura subjetiva e objetiva. *In: SOUZA, Jessé, OELZE, Berthold (Orgs.). Simmel e a modernidade*. Brasília: Editora da UNB, 2005.

WAIZBORT, Leopoldo. *As Aventuras de Georg Simmel*. São Paulo, ED. 34, 2006.